



Narrativas Multimodais da Comunicação Intercultural

Disciplina: Comunicação Intercultural

SÍNTESE

No âmbito da cadeira, Comunicação Intercultural, surge este trabalho que visa identificar os conceitos culturais femininos do século XIX e a evolução dos conceitos e pré-conceitos até ao dia de hoje.

Marta Coelho – R21N - 2030067

Assessoria e Tradução

Índice

Tema:.....	4
Apresentação da autora e obra:	4
A Família March:	5
Outras personagens relevantes:	6
Breve resumo do Livro:.....	6
Dissertação:.....	10
Conclusão	16
Definições:.....	18
Bibliografia:	21

Índice de Ilustração

Indumentária Feminina.....	10
Alta Sociedade Vs. Baixa Sociedade	10
Indumentária Masculina	10

Tema:

Little Woman – Mulherzinhas, Louisa May Alcott, 1868

Apresentação da autora e obra:

Louisa May Alcott é uma autora americana que se tornou muito popular pelas posições que assumiu em defesa da abolição da escravidão e do direito de voto para as mulheres.

Muitos defendem que Alcott tinha um objetivo com este livro, sendo que desde sempre foi defensora dos direitos das mulheres à sua independência e preocupava-se com questões como educação, saúde, igualdade salarial e o direito ao voto.

Mulherzinhas é considerado um livro de fácil leitura que encanta geração após geração, principalmente jovens mulheres, pois apresenta um novo olhar sobre as mulheres no século XIX, tendo uma personagem considerada feminista.

Este livro, na época de esferas separadas do gênero em que o feminino ocupava o espaço doméstico, seguindo um *estereótipo* do que é ser mulher (uso do espalhão, o dever ser recatada, dona de casa) ao invés do homem que ocupava o espaço público e político, que tinha de ir para a faculdade, tomar conta dos negócios da família, ser o provedor. Esta obra é considerada revolucionária visto que uma das personagens se afasta deste conceito, destas ideologias, e se apresenta com uma mulher livre, a nova mulher, ainda que todas as personagens femininas sejam únicas e de personalidades fortes, Josephine (Jo) é a que mais foge dos padrões da época, gosta de ler, escrever e criar peças de teatro, desafiando a *ideologia* que confina as mulheres ao lar e à educação dos filhos. Mesmo a sua aparência foge dos padrões da época sendo considerada uma Maria-Rapaz, botas grossas, desajeitada, gosta de aventuras e não aceita desaforos, tudo o que uma “boa moça” não faz. Jo pode ser encarada como uma mulher do século XX, há até quem diga que este personagem seria o alter-ego da autora, uma verdadeira ativista pelos direitos humanos, principalmente das mulheres.

Meg, a irmã mais velha, é o estereótipo da mulher da época, tem o objetivo ser bela e casar, desempenhando determinadas funções do ponto de vista da maternidade e do casamento. Obediente à sua mãe, cuida das irmãs, tem vergonha da sua recente pobreza e de ter de trabalhar como governanta. Beth, a mais angelical, adora piano e é muito ingênua e a bondade pura, tímida e muito alegre. Amy vive das aparências da sociedade

e gosta dos bailes e de estar em todos os acontecimentos da sociedade, ainda que não tenha dinheiro para isso, mas esforça-se para pertencer aquela sociedade, aqueles padrões.

Cada capítulo traz consigo uma lição moral, a mãe ensina às quatro filhas a terem amor pelo próximo, a ajudarem os mais necessitados, a darem valor ao que têm e a não terem receio de expressar os seus sentimentos.

A obra também salienta os valores morais da época: civismo, o amor à pátria (muito americano), e a dedicação extrema ao lar e ao próximo.

Ainda que seja um livro revolucionário para a altura, hoje é uma obra um pouco criticada. Não nos podemos esquecer que foi escrita no século XIX, onde a ideologia da sociedade apresentava conceitos morais da época que diferem dos conceitos de hoje, nomeadamente: a expiação dos pecados e a recompensa do sacrifício, e o facto de a maternidade e o casamento serem o pináculo da vida de uma mulher. Até a personagem mais rebelde acaba por ser tornar “esposa”.

A Família March:

As irmãs Meg, Jo, Beth e Amy passam por um período difícil depois de verem o pai partir para a Guerra Civil Americana e de se confrontarem com problemas económicos inesperados. No entanto, a união familiar e o espírito lutador que conseguem manter juntamente com a mãe ajudam-nas a ultrapassar todas as dificuldades. Quer em casa quer nas relações com os amigos e vizinhos, conseguem surpreender e continuar a ser fiéis aos seus sonhos, vivendo todos os dias com esperança e boa disposição. Contam com a ajuda da Tia March que continua abonada, mas tentam não lhe pedir muito. Um livro que nos dá o retrato de uma família de classe média americana do seu tempo, sublinhando os seus principais valores morais e em que o amor e a coragem destas Mulherzinhas se revelam mais fortes do que todas as dificuldades.

A família March é composta por:

Meg - filha mais obediente

Beth - filha pacificadora

Jo - filha com personalidade forte, escreve no sótão da casa. Inspirada na autora.

Amy - filha vaidosa

Mrs. March- mãe, resignada

Tia-avó March: Regida

Outras personagens relevantes:

Laurie - vizinho das irmãs e amigo de infância (Jo considera-o como o irmão que nunca tiveram)

Professor Bhaer – um pobre professor de Berlim

Sr. Brooker – Tutor de Laurie

Sr. Lourence – Avó de Laurie

Breve resumo do Livro:

Uma mãe e as suas quatro filhas vêm-se na pobreza quando o seu marido parte para a Guerra. Todas tentam fazer o melhor que podem para sobreviver, as duas mais velhas largam a escola e começam a trabalhar, Meg como governanta e Jo como dama de companhia da Tia March. Meg detesta ser pobre e Jo detesta ser dama de companhia da Tia.

Amy a pequena rebelde, tem problemas na escola, pois levou limas quer eram proibidas para trocar com as outras meninas, e ela não queria ser a única a não ter limas para trocar porque queria pertencer e as outras meninas eram más para ela por ela não ter condições e ela odiava isso, então passou a estudar em casa sobre a alçada de Jo.

A Tia March não concordava com a forma como a mãe educava as filhas a serem independentes, dizia que as meninas deviam casar com um homem abastado e serem senhoras da sociedade, não concordava que elas não fizessem a sua apresentação à sociedade. No entanto Meg, a mais velha foi convidada para o baile de debutante de uma jovem senhora, e foi com o seu vestido mais humilde. Aqui outra rapariga abastada lembrou que a família March se recusava comprar seda porque era contra a escravatura, e não comprava seda da china porque usavam mão de obra infantil. Também lembraram que Meg era agora pobre porque a escola do pai foi obrigada a fechar por ter admitido uma menina negra.

Nessa apresentação, elas diziam que Meg estava muito simples e que a iriam ajudar a encontrar pretendentes, então vestiram-na com belos e rodados vestidos, com espartilho para realçar os dotes e maquiada. Laurie, o grande amigo da família, com um irmão dizia Jo, chamou-a a atenção, disse que ela não era a Meg que ele conhecia e que a Meg que ele conhecia mais divertida. Ela confessou à mãe que gostou da atenção, Jo diz que ela não devia se importar com os outros, e ela diz que não conseguia não o fazer, que gostou de se integrar. Por sua vez a

mãe afirma que o importante é o que ela pensa dela própria e ela tem de escolher se quer ser uma peça decorativa, ou ser valorizada pelo seu carácter.

O tempo vai passando, o pai adoece na Guerra e a mãe vai tomar conta dele, para isso precisou de dinheiro para o comboio, Jo, a filha rebelde não teve coragem de pedir à tia rica então vendeu o seu cabelo. Jo e Meg tomam conta da casa e Meg aproxima-se de Mr. Brooker, o tutor de Laurie. Não era o que ela esperava, mas acabou por se apaixonar por um senhor pobre.

Laurie e Mr. Brooke levam Beth e Jo ao teatro, Amy fica aborrecida porque também queria ir, pois ir ao Teatro era algo que só os mais cultos e abastados tinham condições de o fazer e era símbolo da alta-sociedade. À saída Jo deixa-lhe trabalhos de casa e Amy fica muito amuada e de forma a castigar a irmã, sendo que Amy era uma menina muito egoísta, das quatro irmãs a mais dada as aparências e queria ter o que as outras tinham, porque também se achava merecedora, acaba por queimar o manuscrito de uma peça que Jo estava a escrever. Jo jura nunca a perdoar, até que ela tem um acidente no gelo e acabam por fazer as pazes.

Beth fica muito doente, com escarlatina, o médico do Sr. Laurence diz que não há nada a fazer e que se devia dizer à mãe para regressar, Laurie já tinha tratado disse e ela chegou nessa noite para cuidar de Beth que, ainda que tenha recuperado, nunca voltou ao normal, sempre com um ar convalescido. E Amy passa a ser a dama de companhia da Tia March, foi para casa dela quando Beth adoeceu para não ser contagiada. No natal o Sr. Laurence oferece um piano a Beth, era da sua filha que havia falecido ainda muito nova. Mas a maior surpresa foi o regresso do pai acompanhado pelo Sr. Brooke que propôs casamento a Meg.

Meg pergunta à mãe se ela se importa que ele seja pobre e a mãe diz que prefere que Meg case por amor com um homem pobre, do que perder a sua dignidade casando com um homem rico.

Para desagrado da Tia March, Meg casa com o Sr. Brooke.

Laurie aproveita a dica para se declarar a Jo e tenta convencê-la a ficar com ele prometendo cuidar dela e dando-lhe uma vida de luxo. Jo, fora de época como era, recusa, pois é uma mulher independente e adora-o como amigo, mas ser esposa não é para ela, é demasiado independente. Laurie fica magoado e diz que sabe que ela se vai casar, que um

dia vai aparecer alguém, um bom homem, que ela vai amar loucamente e vai viver e morrer por ele. Já ele nunca iria amar mais ninguém além dela.

A tia March marca uma viagem à Europa, o sonho de Jo, que queria viajar e ir aos museus europeus, ver a arte, a cultura Europeia. Mas a tia March considerava Amy a escolha mais acertada para apresentar à sociedade, pois seguia os protocolos da altura e a *ideologia* imposta pela sociedade. Amy era uma miúda mimada e mesmo sabendo que magoaria a irmã aceitou ir com a tia March. Já se tinha visto o lado mais egoísta de Amy quando queimou um manuscrito de Jo por despeito. Amy foi aprender pintura, pois a arte era cultura, o produto era cultura e para pertencer à sociedade e ser elegível para ter um bom marido era preciso ter cultura. Aqui Amy reencontra Laurie, que teve permissão do avô para seguir a sua música e torna-se um jovem de largas companhias, o que não agrada a tia March.

Jo aceita um papel de tutora em Nova Iorque, na casa de uma amiga da mãe, porque queria descobrir o seu desígnio, o seu destino, ela não se sentia parte do mundo em que vivia e queria se descobrir. Jo escreve cartas às irmãs que não correspondiam à realidade que vivia, embelezava tudo para que elas não se preocupassem com ela. Mas tudo muda quando se apaixona pelo professor Bhaer. Ele torna-se o seu tutor, ela escrevia peças e ele dizia o que achava que estava mal, Jo acaba por ficar ressentida porque ele encontrava sempre defeitos, porque achava as suas peças infantis e sem verdade, sem conteúdo.

Em Nova Iorque, Jo participa numa conversa de cavalheiros, que não a deixavam falar, em que discutiam o direito ao voto dos negros e mulheres. Nesta altura, o livro tinha andado no tempo e o direito ao voto tinha sido dado aos homens negros, mas ainda discutiam o direito para as mulheres, enquanto uns defendiam que as mulheres deviam ter esses direitos porque eram boas, tinham bom coração, outros insistiam que elas tinham de casar e deixar o marido decidir por elas, que a política não era algo com que elas se deviam ocupar. O Professor Bhaer decidiu ouvir a opinião de Jo, e esta afirma que as mulheres deviam votar sim, não por serem boas, mas por serem seres humanos e serem parte integrante da sociedade.

Laurie confessa seu amor por Amy, que estava a ser cortejada por um jovem rico, mas Amy diz que não quer ser amada pela família, pois Laurie diz que sempre soube que devia pertencer aquela família. Laurie acaba por dizer que provavelmente o jovem que a andava a cortejar também não desejava ser amado pelo dinheiro que tem, Amy afasta-se magoada.

No entanto Laurie envia uma carta a Amy a dizer que se vai tornar no homem decente que deve ser para poder ficar com ela, irá trabalhar nos negócios da família e tornar-se num homem honrado. Assim Amy recusa a proposta de casamento do seu pretendente e espera o retorno de Laurie.

Jo vê-se forçada a regressar a casa, pois sua irmã Beth ficou mais doente acabando por falecer. Jo escreve a Laurie a dar a notícia da morte de Beth e este corre ao encontro de Amy, que não pôde estar presente no funeral porque a Tia March ficou muito doente e não ia aguentar a viagem, e acabam por se casar. Quando regressam a casa Amy pergunta a Jo se ela ficou triste por saber que ela se tinha casado com Laurie, Jo diz que está feliz pelos dois, só ficou surpresa porque sabia de fonte segura que Laurie nunca iria amar mais ninguém além dela. Mas que fica feliz porque agora eram todos da mesma família, como sempre soubera que deviam ser. A morte de Beth acabou por unir as 3 irmãs.

Com a morte da tia March, Jo herda a sua plantação, era grande e luxuosa, mas seria difícil de vender e então decide abrir uma escola.

Jo encontra as peças que escrevia quando era mais jovem, e decidiu escrever um livro baseado na sua família. Quando estava em Nova Iorque, o Prof. Bhaer sempre a incentivou a escrever sobre o que ela conhecia, então ela escreveu sobre si e as suas irmãs, enviou-lhe o livro e ele foi pessoalmente dar a notícia que o mesmo ia ser publicado. Jo agradece e confessa o seu amor e juntos tomam conta da escola na Plantação que Jo herdou.

Dissertação:



A história mostra-nos que no século XIX as mulheres tinham de seguir certas normas. Deviam ser cuidadoras do lar, recatadas, obedientes aos seus pais e após o casamento aos seus maridos.

As senhoras, teriam de usar os vestidos compridos, mais ou menos rodados, cabelos presos subidos e usar luvas quando presentes na sociedade.

Indumentária Feminina

E mesmo entre géneros se via a distinção entre a alta-sociedade e as senhoras de proveniência mais “humilde” (confesso que esta palavra associada a um estatuto social menos enriquecido sempre me fez confusão, todos devemos ser humildes



Alta Sociedade Vs. Baixa Sociedade

independentemente do nosso estatuto social e/ou conta bancária, mas é facto que a nossa sociedade, quando se refere a uma população não tão rica, os intitula de “mais humildes”, e todos nós somos fruto da sociedade que nos rodeia). As senhoras da alta-sociedade usavam os seus

chapéus altos, os vestidos em regra teriam mais roda, pois usavam mais saíotes o que lhes dava mais volume e o espartilho para adelgaçar a silhueta e exibir os seus dotes, para tentar chamar pretendentes, como a própria autora sugere, serem decorativas, ficarem bonitas ao lado do marido. As senhoras de baixa-sociedade usavam menos volumes, cores mais neutras e por norma uma rede a segurar os longos cabelos.

Deviam ter os dotes caseiros, alguma vocação para a arte pois isso era *cultura*, e ajudar a governar a casa e seriam elas as responsáveis pela educação dos filhos. Durante a corte, os senhores levavam as senhoras ao teatro ou ópera para se mostrarem cultos.



Indumentária Masculina

Já os senhores, distinguiam-se socialmente também pelos trajes, os senhores da alta-sociedade com os seus bigodes tratados e fatos mais escuros e a direito, e os restantes com fatos de tons mais acastanhados, e muitas vezes mais gastos.

Mas também os homens tinham um protocolo a seguir, regras impostas. Deviam seguir os estudos, tomar conta dos negócios de famílias, casar com boas moças e ter filhos que pudessem seguir com o bom nome da família, deixar um herdeiro era algo que todos os homens

almejavam. Ainda que ser pai de menina também os alegrasse, ter um barão para seguir com a prole da família era muito importante.

Podemos dizer que os trajes usados na altura, tanto pelas senhoras como pelos senhores, eram *representações* do seu estatuto e da sociedade inserida. Essas representações, *símbolos* usados pela alta-sociedade serviam de indicadores quando os jovens moços procuravam boas moças, de boas famílias para casar. Atualmente, ainda que não de forma tão explícita, os homens ainda procuram as “boas moças” para casar. Continuam a ser moças recatadas, com uma forma de vestir mais neutra e mais discreta, continuam a usar a forma como se apresentam para captar a atenção do homem que pretendem.

Já os homens, nos dias de hoje, dependendo do emprego, poderão ou não ter de usar um traje mais formal, como fato e gravata, ou ter um ar mais descontraído, sendo que em muito vai diferir tendo em mente a idade dos donos da empresa. Mas é seguro dizer que pelo menos o uso de gravata já está um pouco em desuso nas gerações mais novas.

A gravata será outra representação, um símbolo de uma geração. Se um senhor se encontrar com um jovem de 30 anos se calhar não se sentirá na obrigação de colocar uma gravata, mas, ao encontrar-se com alguém mais velho, mais formal, como forma de respeito colocará porque sabe que vai ficar bem, que vai ser apreciado por ter tido mais cuidado com a sua aparência.

São os *estereótipos* que vêm ligados às vestimentas, ainda que muitas vezes possam ser erróneos, a verdade é que se um jovem aparecer numa entrevista de emprego com calças ganga largas e t-shirt dos Metálica, brinco na orelha e tatuagem no pescoço, não terá grande hipótese em comparação a um jovem que se apresente com um belo fato, com cara “lavada” e sem tatuagens.

Já as senhoras têm em si um estigma maior, a forma de vestir influencia em muito a forma que uma mulher é vista, e ainda que digam que as coisas estão a mudar, a verdade é que ainda se ouve muita gente, principalmente mulheres, a criticar a forma de vestir de outras mulheres. Com se a forma de vestir fosse um cartão a dizer que se é mais vulgar ou boa moça.

Estes estereótipos estão presentes no livro, não desta forma mais moderna, mas de uma forma mais subtil, no século XIX uma jovem para se mostrar digna de um bom partido deveria usar vestido de seda, com renda e o espartilho para mostrar os dotes e a silhueta mais delgada, e o uso de luvas, ao deixar uma luva com um senhor estava a deixar a

mensagem que estava livre para ser corteja. No século XIX dificilmente se encontraria um jovem sem fato. Os símbolos identificativos seriam os enunciados anteriormente, o tipo de saia seria mais ou menos rodada, de acordo com a posição social assim como as cores dos fatos, no caso dos senhores se usavam jaquetas ou não. Era através dessas representações que as pessoas eram categorizadas e estereotipadas. Seria criado o *pré-conceito* de quem seria aquela pessoa, em que tipo de sociedade estaria inserida e que meios poderia frequentar.

Este livro, que muitos atualmente criticam porque colocam a mulher como submissa a um homem e à casa e família, que era a realidade da altura, teve um impacto grande em muitas gerações, à medida que o feminismo foi crescendo.

As quatro jovens pertenciam a uma sociedade de alto estatuto e de repente enfrentam uma realidade diferente em que se encontram sem nada, aqui vêm-se forçadas a adaptar-se à nova realidade e as suas características individuais sobressaíam.

Todos sabemos que somos produtos da sociedade em que vivemos, o meio em que crescemos e círculo de amigos no qual nos inserimos, mas também sabemos que o indivíduo tem *poder* para decidir sobre si, pois um ser humano ainda que sendo influenciado por todos os aspetos gerais previamente anunciados, não deixa de ser um indivíduo e ter características próprias.

Quatro irmãs, educadas da mesma forma, que se encontram a braços com uma situação difícil e têm de combater da melhor forma para sobreviver. E ainda que todas as raparigas tenham muito amor ao próximo, muito respeito por todos e um bom e grande coração, algo que lhes foi inculcado pela mãe, através de um livro que lhes ofereceu no natal, que fala sobre humildade e o amor ao próximo, (livro esse que elas liam com afinco todos os dias de forma a se melhorarem enquanto indivíduo, sendo que até Amy diz que sabe que é egoísta e que vai tentar melhorar) a realidade é que a *identidade* de cada uma era bastante diferente.

Meg a irmã mais velha que sonhava em casar com um homem de bem, diga-se um senhor rico e manter a sua vida na sociedade, uma vez que detestava trabalhar como governanta e acabou por ter de o fazer quando o pai foi para a guerra. Mas, as vivências mudam-nos e Meg sofreu alterações apaixonando-se por um bom homem, mas pobre e pediu permissão à mãe e acabou por casar com ele.

Beth o anjo da família, de uma ingenuidade que só se vê em livros, naturalmente boa, sem um pingo de maldade ou rancor ainda que a sua vida tenha mudado, tímida e recatada, só pensava na sua música. Era a consciência da família, podemos dizer que estes traços de personalidade influenciaram todas as outras irmãs e em muitos casos deu-lhes a força que elas precisavam para seguir em frente e combater com audácia.

Amy, a mais nova, que era o oposto de Beth, egoísta, egocêntrica, focada em pertencer ao mundo da alta-sociedade e capaz de tudo para o alcançar. Este era o seu maior desejo, pertencer a esse mundo, ir a todos os bailes, ser uma senhora e casar com um bom cavalheiro, ser uma senhora de bem, de bons costumes, como se costumava dizer na altura, seguir a ideologia imposta pela sociedade da época.

Como era uma jovem, que muito se preocupava com as aparências e em ficar bem na sociedade, sua tia acabou por a tomar como protegida e transformar Amy na pessoa que ela queria, ser uma senhora de bem, deu-lhe estudos, apresentou-a à sociedade, levou-a para a Europa para aprender sobre arte, a *cultura* do século XIX. Cultura era o produto que se consumia na altura, a arte, as óperas, o teatro, e só os mais privilegiados tinham acesso à cultura. Amy acabaria por casar com Laurie, um jovem com dinheiro de boas famílias e assim conseguir o seu lugar na sociedade à qual queria pertencer.

Jo, a segunda mais velha, que guardei para o fim por ser a personagem feminina que mais se destacava das outras, tendo em conta a época, era uma mulher independente, não entendia porque uma mulher tinha de ser casar e não poderia ser autossuficiente, ela queria escrever, ser atriz, ser tudo o que pudesse ser, em uma parte do livro ela até diz: “há muitas coisas que eu devia ser”, mas a sociedade não aceitava que uma mulher pudesse ser o que quisesse. Vestia-se de forma rude, completamente fora dos padrões da época, com botas grossas muito masculinas. A sua identidade, a sua individualidade, era a mais vincada. Não deixando de ser quem era, não deixando de ser impulsiva, sonhadora, independente, acabou por casar apesar de ter afirmado que nunca seria esposa, porque não nasceu para isso. Mas conheceu um professor, que aceitava essa sua personalidade extravagante, essa personalidade feminista, pois ela própria dizia que as mulheres, sendo parte integrante da sociedade deviam votar e mais ninguém devia decidir por elas, porque elas também são inteligentes e capazes de boas decisões.

Jo cresce e de todas foi a que mais se venceu, e ao longo do seu crescimento como indivíduo, foi sendo moldada e tornou-se uma cuidadora, escritora, professora e esposa. Mas nunca perdeu a sua rebeldia, a “ovelha negra” da família tornou-se um exemplo e o

elo entre todos, tomou para si a responsabilidade de cuidar dos seus, muito pela dor da perda da irmã Beth.

A *ideologia* familiar estava presente em todas as personagens, mas de forma diferente. Um sujeito é uma construção feita através das ideologias que estão patentes em todos os clichés e lugares-comuns, e nesta época seria o casamento, a família, a mulher dona de casa e o homem o provedor. Aliás isto vê-se quando Laurie diz que está apaixonado por Jo e que trataria dela e cuidaria dela. Algo que ela não quer. Ela quer cuidar dela própria, não precisa que cuidem dela. Foge da ideologia do tempo, daquilo que, no século XIX seria o senso-comum, o homem cuida da mulher. O *construtivismo social* daquela época, o que a sociedade nos impõe, o papel que nos é dado dependendo do meio em que estamos inseridos e neste caso do género.

Mas, ainda que este livro seja visto como um livro feminista, que o é, pois, as personagens principais são mulheres, e ainda que caíam na ideologia e estereótipos do tempo, exceto Jo, não podemos descuidar dos personagens masculinos.

Também eles sofrem com o pré-conceito, devido à sua posição social.

John Brooke, marido de Meg, teve de passar pela aprovação da família para casar, pois era pobre. Meg chega mesmo a perguntar à mãe se não se importava que ele fosse pobre, ao que ela responde que ao menos gostaria que ele tivesse uma casa, mas era uma mulher com princípios e desejava que suas filhas casassem por amor. Quem não gostou da ideia foi a tia March, que continuava abastada e não aprovou este casamento, queria que as sobrinhas-netas casassem “bem”. Algo que, na minha juventude, cheguei a ouvir uma mãe dizer a uma filha. Por isso é seguro dizer que ainda há famílias que colocam a pressão nas suas filhas para casarem “bem”, sendo que esse bem é alguém com dinheiro, algo que, na altura no século XX, pois ainda era adolescente, me fez muita confusão ouvir, pois em casa sempre ouvi: “estuda, estuda para teres um bom emprego e não dependeres de ninguém”. A evolução das ideologias mostra que começamos a viver numa cultura de mulheres que querem ser independentes e são educadas para que procurem essa independência.

Mas como estava a dizer, também os homens tinham o seu papel já atribuído, Laurie sofreu com as ideologias da época, ele queria seguir música, era o seu sonho, não entendia porque as mulheres podiam se dedicar à música e pintura e ele tinha de ir para a faculdade e gerir as empresas do avô. E quando, mais tarde, teve permissão para estudar a sua

música, sofreu o preconceito dessa decisão. Uma vez introduzido no mundo da arte, tornou-se como que um “bon vivant”, muita música, álcool, que, ainda que fosse pior ver uma senhora a beber com regularidade, vemos num encontro com Amy e com a tia March, a desaprovação da tia em relação à escolha do jovem Laurie, dizendo que ele já teve melhor aspeto e melhores companhias. Ele, entretanto, apaixonou-se por Amy e para poder estar com ela, sendo ela uma senhora já apresentada à sociedade e já com pretendentes abastados, teve de se desligar da sua música e dedicar-se aos negócios, tornar-se um homem honrado e digno. Assim acabam ambos por seguir as regras da sociedade, ele torna-se o cavalheiro que toma conta, financeiramente, da família e ela a senhorita da sociedade que cuida da casa e dos filhos.

Conclusão

Confesso que já li este livro há muito tempo, vi o filme de 1994 e a minha tia persuadiu-me a ler o livro, era algo que ela o fazia muito, dar-me livros para ler e ainda bem. A história ficou, marcou-me a história destas irmãs, desta família. Ainda não vi o filme novo, tenho medo de ficar desiludida, pois ainda era uma adolescente quando vi o filme e li o livro, e tenho medo de ao ver este recente me possa aperceber que tudo o que me lembro, o que me marcou, não tem muito a ver com a verdadeira história. Então fico-me com a versão romantizada que a jovem Marta gravou na sua mente. E foi dessa versão romantizada de uma mulherzinha que saiu esta dissertação.

Em conclusão, nesta obra, vemos que, no século XIX, a forma de vestir e de estar em certas situações sociais, representavam o meio social em que estavam inseridos, eram os símbolos que ligavam as pessoas ao meio, que identificavam “o lugar” das pessoas na sociedade. As cores das vestes, o tecido dos vestidos e dos fatos...

Vemos que, da mesma forma que as mulheres tinham de seguir certos protocolos, também os homens se viam a braços com caminhos já predefinidos para eles de nascença (eu era criança e tinha amigos que diziam que tinham de ir para medicina porque o pai era médico, o avô foi médico, como que uma tradição de família, algo que eu acredito já não se veja muito. Agora podemos escolher o nosso caminho de forma mais livre.).

Tanto homens como mulheres sofriam com os estereótipos das escolhas que tomavam, claro que sempre foi pior para as mulheres do que para os homens. Ainda hoje é.

Mas creio que é seguro dizer que todos nós, em dada altura da nossa vida, seja porque queremos vincar a nossa identidade, seja porque queremos chocar a sociedade ou simplesmente porque queremos nos sentir bem na nossa pele, sem pudores ou receios, optamos por agir e vestir de certa forma acabando por nos tornar alvo de preconceito, esse pré-conceito que nós fazemos uns dos outros. Não podemos dizer que somos só vítimas, pois nós também julgamos sem conhecer, só por causa do que vemos.

Passamos na rua vemos uma pessoa toda tatuada, com uma roupa mais desajeitada e muitas vezes sentimos receio.

Claro que o politicamente correto não nos permite dizer certas coisas, todos nós temos liberdade de expressão, mas a nossa liberdade acaba quando começa a liberdade do outro, assim muitas vezes dizemos: não devemos julgar o livro pela capa. Mas todos nós, numa determinada altura, e mesmo nos dias de hoje, inconscientemente, mesmo que depois nos possamos arrepender por termos sido preconceituosos, julgamos o livro pela capa.

Tentamos pertencer a uma sociedade, seja o meio em que crescemos, seja o meio onde acabamos por entrar no mundo profissional ou escolar, e seguimos regras impostas e muitas vezes somos submissos a alguém, só porque achamos que aquela é a porta para sermos aceites. Queremos pertencer àquele mundo, seguir aquelas ideologias, começamos a usar acessórios que façam com que eles olhem para nós e nos vejam como alguém igual, seja roupa de marca, seja objeto religioso, muitas vezes perdendo aquilo que de mais importante temos, o nosso poder, a nossa individualidade.

Os tempos passam, os séculos passam, mas os pré-conceitos não acabam, podem mudar, alterar o teor desse preconceito, desse estereótipo, mas vamos sempre olhar para o que é diferente como isso mesmo, algo diferente. E ainda que muitos, quero acreditar que a maioria, seja capaz de ver o diferente como algo que é só mesmo isso, diferente, mas que não representa perigo, nem uma quebra de valores ou tradições, ou o fim do que é chamado “normal”, vai haver sempre aqueles que vão olhar com desdém, porque vão achar que é uma ameaça, porque temos tendência a ter medo do desconhecido. O medo daquilo que não conhecemos leva, por vezes, a atos de ignorância.

Sempre achei que, nos dias de hoje, o preconceito seria muito menor do que aquilo que verifico, infelizmente ainda há muito racismo, xenofobismo e parece mesmo que é cíclico. Começou por diminuir, por haver mais aceitação e agora vemos um aumento exponencial. Esperemos que esta nova realidade nos ajude a ser mais compreensivos e a aceitar mais os outros.

Que nos permita olhar para o sujeito e aceitar a sua individualidade, a sua identidade.

Definições:

Cultura: Cultura superior, teatro, ópera. Só quem tinha uma certa educação e frequentava certos meios tinha cultura. Era o produto, a arte.

Cultura de massas: Cultura inferior, influência nefasta das indústrias. Vem das organizações – lucro o consumidor é quase hipnotizado. Intuito comercial, seres fragmentados, atomizados e alienados. Consumidores passivos (anúncios políticos e publicitários)

Cultura popular: Folclore, tradição regional, características mais típicas de uma região ou país. Resgatar a cultura tradicional, as características de cada região.

Práticas significantes: Comportamento do quotidiano que têm significado atribuído e são características de uma cultura. O uso de aliança, o vestido de noiva, em que em algumas sociedades é branco noutras é colorido.

Códigos culturais: normativas de atividade levadas a cabo pelos membros da sociedade.

Cultura e Poder: Podemos dizer que cultura, discurso e poder se relacionam, pois, a memória cultural de população é usada pelo poder político como arma para impor ideologias. Nos países democráticos a cultura, o discurso e poder são usados de forma dissimulada. Ainda que, na cultura ocidental possamos questionar certos momentos e decisões, a verdade é que não questionamos o que não nos é perceptível, o que não vemos acontecer. Nós questionamos direitos que nos são dados como garantidos, no entanto em culturas mais fechadas, não só não questionam como não aceitam ser questionados pois é a realidade que eles conhecem. O poder de narração é extremamente relevante para a compreensão de uma cultura e para o seu estudo. O facto de agora termos uma maior liberdade, poder de dar a nossa opinião, termos o poder de escolha, ainda que o mesmo seja sempre limitado pelas regras e imposições da nossa cultura e sistema jurídico, não impede que sejamos controlados e/ou manipulados pelos media e pelo governo. Atualmente podemos falar abertamente, sempre com o cuidado de não atingir a liberdade alheia, e isso também é poder, o nosso poder individual.

Representações: simbologias dos elementos, imagens e discursos impostos e manipulados pelas instituições de poder (media, políticos), mas também pelo senso comum- usos e costumes, i.e., aquilo que é aceite socialmente e se vai instalando sem se questionar. A identidade é mutável, difere ao longo dos tempos e de várias maneiras. São os marcadores simbólicos que têm efeitos nas relações sociais. Podemos identificar como

marcadores simbólicos as fardas, os símbolos de Status (como uma mala Michael Kors), Correntes alternativas (gótico), a designação de raça, género, orientação sexual, os títulos académicos que muitas vezes nos impões que usemos, porque lhes dá uma sensação de estatuto elevado. Todos os símbolos culturais são uma forma de representação, eles representam essa cultura, e mesmo dentro de uma sociedade global, há várias sociedades, criadas por grupos que se identificam com aquelas representações. Em Portugal somos todos maioritariamente cristãos, mas há grupos de pessoas que se reveem nouro tipo de religião, e são identificados pelos símbolos que usam. Os cristãos as cruces, os judeus a estrela de David. Aqui se enquadram os estereótipos, uma pessoa com tatuagens da cabeça aos pés leva consigo o estigma de delinquente, uma rapariga de saia comprida com uma cruz ao pescoço será considerada uma boa moça.

Identidade: Ainda que parte integrante de uma cultura e sociedade que o define, o sujeito tem a sua própria identidade, tem uma subjetividade individual, no seu papel de ator social. Tem o poder de decisão sobre, por exemplo, que comida comer, ainda que aquela região tenha uma cultura gastronómica, a mesma tem várias opções. As identidades que o individuo adota de forma a se definir a si mesmo, são, em parte, produzidas pelos contextos sociais e culturais em que está inserido.

Ideologia: Um sujeito não é o mesmo que um indivíduo, o sujeito é construído, produzido pela ideologia que está presente em todos os lugares-comuns do dia-a-dia, ao que chamamos de senso-comum, inerente a todos, e atua ao nível do inconsciente e consciente. Estes lugares-comuns da sociedade são as ideologias dessa cultura e são estas ideologias que constituem os moldes de construção do sujeito. Ideologia tem a ver com o plano do ideal, que se contrapõe ao que é real. Segundo Althusser, a ideologia está presente em todas as questões que envolvem o sujeito e, por essa razão, ela funciona a nível do consciente e inconsciente dando assim corpo à sua construção.

Estereótipos: O corpo é parte integrante da nossa identidade, vemos isso com as alterações que fazemos, seja estética, tatuagens, piercings e a atribuição de significados por parte da sociedade a essas alterações que fazemos como indivíduo pode levar aos chamados estereótipos. Estes estereótipos muitas vezes podem ser enganadores e negativos, mas todos nós associamos certas individualidades a um certo comportamento. Podemos dizer que estereótipo é a representação que reduz o indivíduo ao básico através dos símbolos. De facto, o estereótipo nivela todos os indivíduos a traços comuns, genéricos e, na sua maioria, negativos, com base em determinadas características (ex. as

loiras, os alentejanos, os judeus, ...). Todos nós, enquanto comunidade, criamos uma imagem errónea de certas realidades uma vez que, de alguma forma, fomos alvo ou construímos alvos com base numa avaliação simplista, superficial e exacerbada dos indivíduos, através daquilo que vemos.

Construtivismo social: prende-se sobretudo com a construção social da identidade, i.e., é o “conjunto de expectativas, direitos e obrigações normativos, atribuídos aos indivíduos pela sociedade e cultura em que se inserem”¹. É o mesmo que dizer que, socialmente, desempenhamos vários papéis nos diferentes contextos em que nos movemos. É a própria sociedade que nos atribui esses papéis, com base no código cultural e comportamental que funciona com base no senso comum. Vamos, ao longo da nossa aprendizagem, aprendendo formas de fazer, formas de ser, com base nesse código, nesse “acordo” tácito, ainda que não esteja escrito, que todos vamos interiorizando e replicando nas nossas práticas quotidianas.

¹ SARMENTO, Clara. Estudos Interculturais Aplicados. Vida económica. Pág.44

Bibliografia:

SARMENTO, Clara. Estudos Interculturais Aplicados. Vida económica.

ALCOTT, Louisa May. Little Woman. Porto Editora, 1999



Aluna de Assessoria e Tradução, presentemente no último ano da licenciatura no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, sempre teve uma paixão pela escrita, muito curiosa o que lhe incute uma grande vontade de aprender.

Trabalho realizado no âmbito da cadeira: Comunicação Intercultural
Obra: Little Woman
Autora: Louisa May Alcott
Realizado por: Marta Magalhães Coelho
Turma: R21N
Número: 2030067